

Responder e recomeçar

Na Galeria Balcony, em Lisboa, um colectivo de artistas responde aos tempos que estamos a viver. *José Marmeleira*

Fazer de Casa Labirinto
Vários



LISBOA. Rua Cel. Bento Roma 12ª. Terça a sábado, das 14h às 19h30. Até 16 de Setembro

Devem os artistas responder, com as suas obras, ao que está a acontecer? Ou, qualquer que seja a sua relação com o mundo, fá-lo-ão sempre? Certamente que, contra a História, haverá quem trace distinções. Por exemplo, entre Bertolt Brecht e Stefan Zweig, ou entre Picasso e Matisse. Uns responderam, outros não, embora seja pouco proveitoso buscar uma coerência perfeita na diversidade das condutas e acções humanas. Seja como for, a incerteza inédita em que vivemos fornece um topos (psicológico, existencial, físico, político) ao qual os artistas dificilmente escapam. O ineditismo provém dessa ubiquidade simultânea e imprime uma série de efeitos que alteram os significados daquilo que é público, privado, íntimo, ameaçando reconfigurar o próprio sentido da prática artística e da actividade daqueles que a acompanham.

Na galeria Balcony, a colectiva *Fazer de Casa Labirinto*, realizada com o apoio do Fundo de Emergência Social-Cultura da Câmara Municipal de Lisboa, replica com urgência e sobriedade ao que está a acontecer. A curadoria de Ana Cristina Cachola e Sérgio Fazenda Rodrigues, equilibrada e atenta, e o conjunto de artistas – alguns da galeria, outros independentes – proporcionam um feixe de relações, ecos, projecções no interior do qual o visitante pode, em simultâneo, re-pensar o mundo e contemplar as formas. É entre as duas disposições que o labirinto se conduz e nos conduz. Logo à entrada, os desenhos de Sara Mealha impedem a passagem. Numa parede de fios de nylon, aparecem em diferentes grafismos, traços, cores. Todos escrevem uma frase: *E agora (?)*. Ficamos suspensos na sua desconcertante aparição. A resposta, a existir, talvez esteja no encontro com a fragilidade e a multiplicidade do próprio desenho, na sua exuberância

delicada, aqui e ali remanescente de Sol LeWitt, de João Vieira, da arte-pop mais poética e humana. Ultrapassada esta quase intangível barreira, a instalação *Vírus* de Nuno Nunes-Ferreira enfatiza, num ecrã duplo, as condições que nos condicionam. No primeiro vídeo, uma sequência vertiginosa de capas de jornais abala o visitante. Sucedem-se os apelos, os avisos, as notícias. A sensação de cansaço transfigura-se diante de outro vídeo: num ecrã negro, vagueiam os nomes dos curadores e dos artistas. Indiciam vestígios de uma reunião de trabalho, rastros de um processo que se alterou em termos sociais e humanos. A aceleração das imagens interrompe-se na ansiedade de uma superfície (quase) apagada.

À procura de uma saída, pintura de Fernão Cruz, mitiga a tensão, num insólito auto-retrato. De gatas, uma figura humana, num ambiente pontilhado de manchas e formas circulares, contempla um enquadramento. Está nua, vulnerável, como se tivesse acabado de nascer, mas o seu corpo é o de um adulto. Mais realista, em termos de figuração, *Ecce Homo*, auto-retrato de Horácio Frutuoso, sugere o mesmo estado de vulnerabilidade com um dramatismo ausente na pintura de Fernão Cruz. Sem rosto (apenas uma sombra), aquela figura, nu da cintura para baixo, quer ser tão divina quanto humana. É também à volta de corpos que se constrói *I don't trust myself when I'm sleeping II*, a esplêndida e inédita série de Carla Cabanas. A artista volta a mostrar imagens fotográficas do seu arquivo familiar, mas agora modificadas por uma técnica de restauração japonesa de peças de cerâmica. Depois de desenhar, com um bisturi, as fotografias, cravando linhas e contornos, colocou folhas de ouro – algumas das quais veio a pintar por cima – sobre os retratados e as paisagens. O que restaura Carla Cabanas dos seus velhos álbuns de família? Gestos, conformações físicas, figuras, memórias. O trabalho de destruição é, com todo a sua força, uma construção, deixando a descoberto, pela cor da folha do ouro, fantasmas do trauma e, em algumas imagens, uma talvez involuntária sugestão erótica. Na parede, entretanto, a composição de imagens sugere um novo e fantasmático álbum de família, numa casa imaginária.

As peças de Gisela Casimiro e Susana Mendes Silva voltam a colocar-nos no tempo presente, com as suas alusões ao domínio da realidade digital e à experiência do confinamento. As abordagens são muito distintas, exprimindo cada uma índole diferente. Gisela Casimiro apresenta duas peças sonoras, vincando a imaterialidade da vida nas redes sociais e a sua influência no quotidiano, enquanto Susana Mendes Silva expõe objectos,

documentos e textos da performance *A bedtime story* que reactivou, em formato digital, durante o período do confinamento. Recorrendo à plataforma Skype foi lendo, a quem lhe solicitava, histórias de natureza diarística, exercícios do seu pensar. É esse trabalho introspectivo, mas não solipsista, que torna concreto, objectivo, permitindo ao espectador observar um quotidiano passado – com os seus rituais, anseios, dilemas, recordações – e um espaço doméstico recriado no qual ele pode, enfim, repousar. Deste modo, a artista logra, contra as circunstâncias, reafirmar o elogio político da intimidade, da protecção que ela garante contra o exterior, precisamente através do relato, da conversa enquanto actividade e experiência humanas. Não muito longe da instalação da artista, encontra-se outro grande momento da colectiva: as obras de Mané Pacheco. Também exploram o universo doméstico, mas transcendem-nos com um conjunto de esculturas que existem por si mesmas. Aliando rigor formal, trabalho artesanal e imaginação plástica, a artista cria, do mundo natural e do artifício humano, objetos híbridos que nos seduzem com a sua imperturbada e perturbadora presença. Não pretende sugerir qualquer tipo de fusão ou sincretismo, apenas dar-nos a escutar, com a sua sonora placidez, o estado de mundo, mundo ao qual não desistiu de responder, consagrando ao espectador espaços de reencantamento sem que isso signifique qualquer tipo de escapismo. A estranheza e a primitiva beleza das esculturas, a subtil referência ao trabalho doméstico e à vida livre no exterior, é exemplar desse fundamento, que também se manifesta no vídeo *Junkspace not Always Recovers from You*, de Henrique Pavão, fragmento de uma viagem suspensa no mar, separada do mundo. Aguardando novas rotas, outros recomeços para lá da incerteza em que nos encerrámos.



A série em que Carla Cabanas mostra imagens do seu arquivo familiar, modificadas por uma técnica de restauração japonesa de peças de cerâmica